



INTER
FACES
CIENTÍFICAS

SAÚDE E AMBIENTE

ISSN IMPRESSO 2316-3313

ISSN ELETRÔNICO 2316-3798

DOI - 10.17564/2316-3798.2015v4n1p29-39

ESTRESSE NA EQUIPE DE ENFERMAGEM: COMO SE MANIFESTA

Ana Paula Barros da Silva¹

Carla Maria Lopes de Vasconcelos Gomes²

Eva Farias de Sousa³

RESUMO

Verificar como se manifesta o estresse na equipe de enfermagem; sinais e sintomas estão mais presentes nestes profissionais; e associar o perfil sociodemográfico da população em estudo á manifestação de estresse. Trata-se de um estudo descritivo, quantitativo, amostra composta de Enfermeiros (as), técnicos (as) e auxiliares de Enfermagem, do Hospital Geral do Estado Prof^o Osvaldo Brandão Vilela (Maceió-AL), realizado entre 2012 e 2013. Para avaliar os sinais e sintomas de estresse foi utilizando o instrumento validado - Teste de Lipp - ISS - Inventário Sintomas de Stress. população predominantemente feminina (93%), casada (62%), idade entre 34 e 41 anos, 55%, afirmam ter um segundo trabalho e 90% trabalhar nos turnos (manhã, tarde e noite). Com relação as

sintomas 62% dos profissionais apresentam sinais e sintomas de estresse, estando 72% na fase intermediária, 17% na fase de contato, e 11% na fase crítica e perigosa. O estudo evidenciou que a maioria dos profissionais da equipe de enfermagem apresenta sinais e sintomas de estresse quer seja na exposição intermediária ou na categoria de alta estresse no trabalho, indicando que requer atenção quanto ao desenvolvimento de ações que minimize os riscos a saúde desses profissionais.

PALAVRAS-CHAVE

Desgaste profissional. Estresse Ocupacional. Equipe de Enfermagem. Saúde do Trabalhador.

ABSTRACT

See how stress manifests in the nursing team; signs and symptoms are more present in these professionals; and associate the sociodemographic profile of the study population with manifestation of stress. This is a descriptive study, quantitative sample of Nurses, technical and auxiliary nursing, the General State Hospital Prof. Osvaldo Brandao Vilela (Maceió-AL), conducted between 2012 and 2013. To assess the signs and symptoms of stress was using the validated instrument - Lipp Test - ISS - Stress Symptoms Inventory. Population predominantly female (93%), married (62%), aged between 34 and 41 years, 55% claim to have a second job and 90% work in shifts (morning, afternoon and evening). Regarding the symptoms

62% of professionals have signs and symptoms of stress, with 72% in the intermediate phase, 17% in the contact phase, and 11% in the critical phase and dangerous. The study showed that most nursing team professionals presents signs and symptoms of stress either in the intermediate exposure or in high-stress category at work, indicating that requires attention for the development of actions to minimize the risks to health of these professionals.

KEYWORDS

Professional Wear Out. Occupational Stress. Nursing Staff. Worker's Health.

RESUMEN

Investigar cómo el estrés se manifiesta en el equipo de enfermería; señales y síntomas están más presentes en estos profesionales; y asociar el perfil sociodemográfico de la población en estudio al manifiesto de estrés. Método: Se trata de un estudio descriptivo cuantitativo, una muestra que constituye de enfermeros(as), técnicos(as) y auxiliares de enfermería, del Hospital Geral do Estado Prof. Osvaldo Brandão Vilela (Maceió-Alagoas), llevado a cabo entre 2012 y 2013. Para evaluar los señales y síntomas de estrés fue utilizado el instrumento validado - Prueba de Lipp - ISS - Inventario de síntomas de estrés. Resultados: población predominantemente femenina (el 93%), casada (el 62%), con edades comprendidas entre 34 y 41 años; el 55% afirman tener un segundo empleo y el 90% trabajan en los turnos (mañana, tar-

de y noche). En relación con los síntomas, el 62% de los profesionales tienen señales y síntomas de estrés, con un 72% en la fase intermedia, un 17% en la fase de contacto, y el 11% en la fase crítica y peligrosa. Conclusión: El estudio mostró que la mayoría de los miembros de la enfermería presentan señales y síntomas de estrés, sea en la categoría intermedia o en la de alta exposición al estrés en el trabajo, lo que indica que requiere atención al desarrollo de las acciones para minimizar los riesgos a la salud de estos profesionales.

PALABRAS CLAVE

Desgaste Profesional. Estrés laboral. Equipo de Enfermería. Salud Ocupacional.

1 INTRODUÇÃO

Com as mudanças ocorridas no mundo nos últimos tempos, a exigência do mercado de trabalho por profissionais mais especializados é cada vez maior. Todas estas mudanças vêm estabelecendo um estilo de vida às pessoas que acaba alterando suas condições de saúde, causando transtornos psicofisiológicos.

Um destes transtornos é o estresse, ele pode ser resultado de fatores físicos, psicológicos, e sociais. As alterações provocadas por ele é resultado da necessidade do indivíduo de se adaptar a novas situações. O estresse é quase sempre visualizado como algo negativo que ocasiona prejuízo no desempenho global do indivíduo (STACCIARINI; TRÓCCOLI, 2001).

Em seus estudos, o médico Canadense Hans Selye (1936), responsável por um dos primeiros estudos sobre o estresse, submeteu cobaias a estímulos estressores e observou um padrão específico na resposta comportamental e física dos animais. Para este estudioso, o estresse é o estado manifestado por uma síndrome específica, constituído por todas as alterações não-específicas produzidas no sistema biológico (CAMELO; ANGERAM, 2004).

Diante das exigências e desafios enfrentados no dia a dia dos trabalhadores é comum que esses fatores comprometam o estado de saúde de cada um. Nem todos conseguem acompanhar e lidar com essas mudanças e cobranças, além de resultado em tempo hábil, passam a intensificar as jornadas de trabalho, pois não se permitem expressar suas fragilidades. Outros, mesmo sentindo que toda esta carga lhe faz mal, não desistem e muitas vezes ultrapassam daquilo que podem suportar, o que pode contribuir com o adoecimento tanto físico como mental. Para exemplificar o quanto o estresse tem causado mundialmente, a Organização Mundial de Saúde (OMS) afirma que ele já se enquadra como uma “Epidemia global”.

O estresse constitui em um quadro que inclui distorções cognitivas, isto é, um modo inadequado de pensar e avaliar os eventos da vida, vulnerabilidades pessoais e comportamentos observáveis eliciadores. Inclui, também, uma hiper-reatividade fisiológica pe-

rante as demandas psicossociais, a qual pode ser gerada por uma hipersensibilidade do sistema límbico, conduzindo a produção excessiva de catecolaminas, testosterona e cortisol (LIPP, 2001).

As investigações têm demonstrado que os eventos estressantes podem vir a serem fatores etiológicos de vários problemas físicos e emocionais. Nessas investigações, o estresse tem sido conceituado, sucessivamente, como estímulo, resposta e interação (LAUTERT; CHAVES; MOURA, 1999).

Os sinais e sintomas que ocorrem com maior frequência de nível físico são: sudorese, tensão muscular, taquicardia, hipertensão, ranger de dentes, hiperatividade, náuseas, mãos e pés frios. Em termos psicológicos, vários sintomas podem ocorrer como: ansiedade, tensão, angústia, insônia, dificuldades interpessoais, dúvidas quanto a si próprio, preocupação excessiva, inabilidade de concentrar-se em outros assuntos que não o relacionado ao estressor, dificuldade de relaxar, ira e hipersensibilidade emotiva (LIPP, 1994).

Tem-se tornado familiar o relato da presença de estresse por profissionais da área da saúde. O estresse apresentado por esses profissionais deve vir acompanhado por esforços de enfrentamento para gerenciar as consequências das fontes de estresse e retornar o indivíduo a um nível estável de funcionamento homeostático (CAMELO; ANGERAMI, 2004).

A *Health Education Authority* afirma que a Enfermagem é a quarta profissão mais estressante no setor público, pelo fato de trabalhar com enfermidades críticas e com situações de morte, como acrescentam Murofure, Abranches e Napoleão, 2005. A equipe de enfermagem de uma unidade hospitalar é composta por Enfermeiros, técnicos e auxiliares de enfermagem, que desempenham varias atividades e cuidados destinados a paciente com as mais diversas enfermidades como: administração de medicação, sondagens, punções, curativos, higiene entre outras atividades; além de participar de procedimentos junto à equipe multiprofissional.

Nesse contexto os referidos profissionais se expõem aos mais diversos tipos de riscos, dentre estes

as situações estressoras, e para poder cuidar da vida de seus pacientes eles precisam estar em boas condições de saúde. O seu processo de trabalho, incluindo a estrutura e a organização funcional, sugere que o trabalho da equipe de enfermagem é complexo e de grande responsabilidade. Há um clima de tensão emocional, desgaste físico e psíquico que pode contribuir como fator desencadeante do estresse. Exigindo assim, do profissional, também do profissional enfermeiro uma adaptação em relação a esses agentes estressores para manter o seu equilíbrio homeostático (COSTA; LIMA; ALMEIDA, 2003).

Por razões descritas sobre o estresse no ambiente de trabalho em que as atividades são realizadas sob pressão, exigências físicas e psicológicas, e presença de diversos tipos de riscos. O estresse se torna uma constante entre aqueles que realizam esses trabalhos nas instituições de saúde (CASTRO, 2004).

O interesse no tema em estudo surgiu a partir de experiências vivenciadas pelas pesquisadoras no período do estágio da graduação, que oportunizou observar queixas de dores e irritação entre outras, referidas pelos profissionais. Diante do exposto, surgiu à necessidade de aprofundar as discussões sobre o tema, ao mesmo tempo contribuir para melhoria das condições de trabalho entre estes profissionais. Dessa forma, torna-se relevante responder à pergunta da pesquisa: Quais as principais manifestações de estresse apresentadas pela equipe de enfermagem?

Assim, o objetivo do presente trabalho foi verificar como se manifesta o estresse na equipe de Enfermagem, identificar quais sinais e sintomas estão mais presentes nesses profissionais, e associar o perfil sociodemográfico da população em estudo à manifestação de estresse pela equipe de Enfermagem.

2 METODOLOGIA

Trata-se de um estudo de caráter descritivo, com abordagem quantitativa. A pesquisa foi realizada com a equipe de enfermagem (enfermeiros, técnicos e auxiliares de enfermagem) da área azul, que é uma

área de grande demanda de pacientes, tanto crianças, quanto adultos, do Hospital Geral do Estado Prof. Osvaldo Brandão Vilela (HGE), localizado em Maceió-AL.

Para participar deste estudo como sujeito foram estabelecidos como critérios de inclusão os profissionais de enfermagem (Enfermeiros (as), Auxiliares e Técnicos (as) em enfermagem) da Área azul do HGE, que estivessem ativos no período da coleta de dados, que tivessem mais de um ano de atuação na instituição e que aceitassem participar da pesquisa. E como critérios de exclusão, os integrantes da equipe que trabalhem a menos de um ano na instituição, os que estiverem afastados do trabalho por férias, licenças médicas, licença maternidade ou que se negarem a participar da pesquisa. Dessa maneira, foram respondidos 29 questionários, sendo destes cinco enfermeiros, 14 técnicos e 10 auxiliares de enfermagem.

Esta pesquisa está de acordo com as orientações do Comitê de Ética em Pesquisa Local pertencente à Universidade Estadual de Ciências da Saúde de Alagoas (UNCISAL), por meio do protocolo nº 1792/12 e autorização da coordenação do curso de Enfermagem. Todos os participantes foram esclarecidos acerca dos objetivos do estudo e dos procedimentos metodológicos da pesquisa. Portanto, aqueles que concordaram em participar, assinaram um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

Os dados foram coletados por meio de um instrumento semiestruturado, com questões fechadas que incluiu dados demográficos, funcionais e questões para avaliar os sinais e sintomas de estresse, utilizando o instrumento validado – Teste de Lipp – ISS – Inventário Sintomas de Stress (LIPP, 2005).

Esse instrumento divide os sinais e sintomas em três fases, a primeira é composta por 15 itens que se referem aos sintomas físicos ou psicológicos que o sujeito tenha experimentado nas últimas 24 horas; a segunda fase, composta de dez sintomas físicos e cinco psicológicos, está relacionada aos sintomas no último mês; e a terceira e última fase, composta de 12 sintomas físicos e 11 psicológicos, refere-se a sintomas experimentados nos últimos três meses. Alguns dos sintomas que aparecem na primeira fase voltam a aparecer na terceira fase, mas com intensidade dife-

rente. No total, o ISS apresenta 37 itens de natureza somática e 19 psicológicas, sendo os sintomas muitas vezes repetidos, diferindo somente em sua intensidade e seriedade. A fase três (quase-exaustão) é diagnosticada na base da frequência dos itens assinalados na fase de resistência.

A cada sete ou mais sintomas marcados nas primeiras 24 horas, o indivíduo é classificado na fase de contato com a fonte de estresse, com suas sensações típicas na qual o organismo perde o seu equilíbrio e se prepara para enfrentar a situação estabelecida em função de sua adaptação. São sensações desagradáveis, fornecendo condições para reação a estas sendo fundamentais para a sobrevivência do indivíduo (LIPP, 2001).

A ocorrência de quatro ou mais sinais e sintomas é a fase intermediária, em que o organismo procura o retorno ao equilíbrio. Apresenta-se desgastante, com esquecimento, cansaço e duvidosa. Pode ocorrer nesta fase a adaptação ou eliminação dos agentes estressantes e conseqüente reequilíbrio e harmonia ou evoluir para a próxima fase em conseqüência da não adaptação e/ou eliminação da fonte de estresse.

Quando ocorrem de nove ou mais sinais e sintomas é dito fase “crítica e perigosa”, ocorrendo uma espécie de retorno a primeira fase, porém agravada e com comprometimentos físicos em forma de doenças.

Os 29 questionários utilizados para apresentar os dados desta pesquisa foram obtidos no período de junho de 2012 a setembro de 2013. Pelo fato deste setor ser voltado para assistência de urgências, ocorreu uma grande dificuldade em realizar a coleta de dados para esta pesquisa, pois os profissionais estão constantemente prestando assistência.

A aplicação destes questionários foi realizada de forma padronizada, simultaneamente por duas pesquisadoras, os participantes eram orientados a questionar acerca de dúvidas que viessem a surgir e as aplicadoras dos mesmos permaneciam no local durante todo o tempo.

Após a coleta, inicialmente, realizou-se uma análise exploratória dos dados (Estatística Descritiva). Os cálculos estatísticos foram realizados com o auxílio do Programa EP-INFO.

Os resultados principais foram analisados e, posteriormente, divulgados para os sujeitos da pesquisa por meio de uma revista indexada, em colaboração com o Centro de Estudo da Instituição.

3 RESULTADOS

A população alvo foi constituída por 80 trabalhadores de enfermagem (enfermeiros, técnicos e auxiliares de enfermagem) do Hospital Geral do Estado Prof. Osvaldo Brandão Vilela.

Dos sujeitos que se enquadravam no estudo, 63,75% não participaram da pesquisa por recusa ou por estarem de férias. Restaram 29 trabalhadores que responderam os questionários, correspondendo a uma taxa de resposta de 36,25%.

Para descrever o perfil da amostra em estudo foram elaboradas algumas questões referentes a sexo, idade, estado civil e renda.

Tabela 1 – Perfil dos profissionais de enfermagem da área azul do Hospital Geral do Estado de Alagoas – Maceió-AL, 2012-2013

Variável	Categoria	n	%
	Feminino	27	93
	Masculino	2	7
Sexo	26 e 33 anos	4	14
	34 e 41 anos	11	38
	42 e 49 anos	7	24
	50 anos ou mais	7	24
Idade	Solteiro (a)	3	10
	Casado (a)	18	62
	Separado(a)/divorciado(a)	6	21
Estado civil	Viúvo (a)	2	7
	< 2 salários	5	17
	≥ 2 e < 3 salários	9	31
Renda mensal	≥ 3 e < 5 salários	8	27
	≥ 5 e < 10 salários	6	21
	≥ 10 e < 20 salários	1	4

Fonte: Dados da pesquisa.

De acordo com a Tabela 1, a maioria da população é do sexo feminino, 93% (n: 27), sendo 7% (n: 2) do profissionais do sexo masculino. A idade predominan-

te esta entre 34 e 41 anos, 38% (n: 11), 62% (n: 18) casados. E com relação à renda mensal, 31% (n: 9) recebem cerca de 2 a 3 salários mínimos.

Tabela 2 – Dados funcionais dos profissionais de enfermagem da área azul do Hospital Geral do Estado de Alagoas – Maceió-AL, 2012-2013

Variável	Categoria	N	%
Cargo	Enfermeiro	5	17
	Técnico de Enfermagem	14	48
	Auxiliar de Enfermagem	10	35
Tempo na profissão atual	3 a 5 anos	2	7
	5 a 7 anos	1	3
	7 a 9 anos	7	24
	> de 10 anos	19	66
	1 a 3 anos	5	17
Tempo de trabalho na instituição	3 a 5 anos	4	14
	5 a 7 anos	2	7
	7 a 9 anos	9	31
	> de 10 anos	9	31
	8 a 12 horas	1	4
Jornada semanal	32 a 40 horas	14	48
	> 40 horas	14	48
	Manhã e tarde	2	7
Turno de trabalho	Manhã	1	3
	Todos os horários	26	90
	Sim	16	55
Tem 2º emprego	Não	13	45
	8 a 12 horas	2	12
	16 a 24 horas	1	6
	32 a 40 horas	12	76
	> 40 horas	1	6

Acidente de trabalho no último ano	Sim	5	17
	Não	24	83
Doença relacionada ao trabalho no último ano	Sim	6	21
	Não	23	79
Usufrui de férias anualmente	Sim	23	79
	Não	6	21
Satisfação salarial	Satisfatório	3	10
	Pouco satisfatório	12	42
	Insatisfatório	14	48

Fonte: dados da pesquisa.

Com relação aos dados funcionais, na Tabela 2 é indicado que 48% (n: 14) da amostra é técnico em enfermagem, 35% (n: 10) são auxiliares de enfermagem, e 17% (n: 5) são enfermeiros (as). O tempo de profissão destes profissionais está superior a 10 anos, 66% (n: 19), já o tempo de trabalho nesta instituição prevalecem os que trabalham de sete a nove anos, 31% (n: 9), e com a mesma porcentagem, os a mais de 10 anos, 31% (n: 9). O tempo de trabalho destes profissionais neste setor é prevalente entre três a cinco anos, 32% (n: 9).

A jornada de trabalho desses profissionais esta prevalente entre 32 a 40 horas semanais, 48% (n: 14), e esta mesma porcentagem está para os que trabalham mais de 40 horas por semana. Os turnos de trabalho são distribuídos em todos os horários, matutino, vespertino e também noturno, somando 90% (26), indicando que os profissionais são plantonistas. 55% (n: 16) afirmam ter um segundo trabalho, aonde sua jornada semanal de trabalho vai de 32 a 40 horas, 76% (n: 12).

Quando questionado se o profissional já sofreu algum acidente de trabalho no último ano, 83% (n: 24) afirmam que não e 17% (n: 5) afirmam que sim. Se no último ano apresentaram alguma doença relacionada ao trabalho, 79% (n: 23) afirmam que não. Também foi questionada a situação do trabalhado em relação a férias anuais, 79% (n: 23) afirmam que usufruem de

férias anualmente. Já em relação à satisfação salarial, 48% (n: 14) afirmam estarem insatisfeitos com o salário que recebem.

Tabela 3 – Correlação entre sinais e sintomas e as fases do estresse em profissionais de enfermagem da área azul do Hospital Geral do Estado de Alagoas – Maceió-AL, 2012-2013

Variável	Categoria	n	%
Presença se sinais e sintomas de estresse	Sim	18	62
	Não	11	38
Fase de estresse	I – de contato	3	17
	II- intermediaria	13	72
	III- critica e perigosa	2	11

Fonte: Dados da pesquisa.

A última etapa do levantamento de dados é com relação se o profissional apresenta sinais e sintomas de estresse, e se eles apresentem qual fase de estresse está. Segundo a Tabela 3, 62% (n: 18) dos profissionais apresentam sinais e sintomas de estresse, estando 72% (n: 13) na fase intermediaria, 17% (n: 3) na fase de contato, e 11% (n: 2) na fase critica e perigosa.

Tabela 4 – Sinais e sintomas, segundo as fases de estresses, encontrados em profissionais da equipe de enfermagem da área azul do Hospital Geral do Estado de Alagoas - Maceió-AL, 2012-2013

Variável	Categoria	%
Fase de contato	Vontade de novos projetos	15
	Mudança de apetite	15
	Insônia	15
	Diarreia	15
	Tensão muscular	10
	Dor de estômago	10
Fase intermediária	Cansaço	10
	Desgaste físico	14
	Problemas de memória	12
	Irritabilidade	8
	Diminuição do libido	8
Fase crítica	Diarreias	7
	Tonturas	7
	Cansaço	7
	Pensamentos repetitivos	7
	Depressão	7
	Pesadelos	7
	Úlceras	4
	Ansiedade	4

Fonte: Dados da pesquisa.

Segundo a Tabela 4, os sinais e sintomas mais apresentados durante a fase de contato são: vontade de novos projetos (15%), mudança de apetite (15%), insônia (15%), diarreia (15%), tensão muscular (10%) e dor no estomago (10%). Já na fase intermediária, os sinais e sintomas mais aparentes são: cansaço (10%), desgaste físico (14%), problemas de memória (12%), irritabilidade (8%) e diminuição do libido (8%). Na fase crítica os sinais e sintomas mais apresentados são: diarreias (7%), tonturas (7%), cansaço (7%), pensamentos repetitivos (7%), depressão (7%), pesadelos (7%), úlceras (4%) e ansiedade (4%).

4 DISCUSSÃO

O primeiro objetivo desse estudo é saber como o profissional de Enfermagem manifesta o estresse, porém, antes disso, é preciso saber a porcentagem de in-

divíduos que se enquadram em algumas das fases de estresse. De acordo com os dados levantados, 62% da amostra se encaixam em alguma das fases de estresse.

Os dados encontrados no estudo, 72% dos componentes da equipe de enfermagem se encontram na fase intermediária do estresse, que é a fase que o organismo procura o retorno ao equilíbrio. Os sinais e sintomas que mais foram relatados pelos profissionais são. Cansaço (10%), desgaste físico (14%), problemas de memória (12%), irritabilidade (8%) e diminuição do libido (8%), sem a maioria desse sinais e sintomas psicológicos.

Em seus estudos, Salvador, Silva e Lisboa (2013), cotidianamente os indivíduos estão expostos ao estresse mental ou psicológico, e a capacidade de reagir a isso é uma resposta natural e que se faz necessária. Porém, uma reação exacerbada ao estresse psicológico os torna mais suscetíveis ao desenvolvimento da hipertensão arterial, a qual pode provocar problemas cardiovasculares e/ou morte. Os casos de falha da memória estão relacionados ao cansaço, às poucas horas de sono, a muito trabalho e ao estresse.

Pesquisa realizada com profissionais de um pronto atendimento relatou que estes profissionais percebem mais os sintomas físicos do estresse que os psíquicos, associados à resistência dos profissionais, provocando negação dos sintomas psíquicos. Este achado contradiz o presente estudo, em que foi observado maior destaque aos sintomas psicológicos do que físicos (SELEGHIM ET AL., 2012).

O desgaste mental é encontrado em profissões como a enfermagem, cujo contato pessoal exige dedicação excessiva, carga de trabalho exaustiva, com potenciais conflitos com clientes, chefias e colegas de trabalho (COELHO; ARAUJO, 2010).

Outros sinais e sintomas como insônia (15%), mudança de apetite (15%), dores de estomago (10%), aparecem na fase de contato, que se dá no momento em que o paciente começa a ter, como o nome sugere, contato com as fontes causadores de estresse. Segundo o estudo de Coelho e Araujo (2010), as colocações da equipe evidenciam a fadiga mental, que não pode ser dissociada da fadiga física. A fadiga acumulada

afeta o organismo, causando insônia, irritabilidade, desânimo, dores e perda de apetite, dentre outros sintomas. Destacamos que o desgaste físico e mental não deve ser menosprezado ou ignorado, pois pode gerar consequências para a saúde mental da equipe de enfermagem e para o cuidado prestado.

Na maioria dos hospitais o trabalho da enfermagem tem sido apontado como bastante estressante. O estresse do enfermeiro pode se justificar pela grande responsabilidade e pela baixa autonomia, as quais refletem situações com vários pontos de tensão, determinantes do estresse. O nível de pressão exercido pela organização do trabalho, a exigência de maior produtividade, associada à redução contínua do contingente de trabalhadores, à pressão do tempo e ao aumento da complexidade das tarefas, além de expectativas irrealizáveis e as relações de trabalho tensas e precárias, podem gerar tensão, fadiga e esgotamento profissional, constituindo-se em fatores responsáveis por situações de estresse relacionado com o trabalho (SCHMIDT ET AL., 2009).

No estudo de Salomé, Martins e Espósito (2009), os profissionais citam em suas falas que convivem com sentimentos díspares: o cansaço, o esgotamento, a angústia, impotência e dores devido à sobrecarga de trabalho, provocada pela falta de material e de profissionais. Mesmo diante destas circunstâncias, os profissionais procuram prestar uma assistência de qualidade. Tudo isso é observado no presente estudo, e o cansaço aparece tanto em profissionais que estão na fase intermediária, quanto os que estão na fase crítica, 10% e 7%, respectivamente.

A literatura aponta que ainda há divergências em relação às possíveis causas do estresse ocupacional (COSTA; MARTINS, 2011). Ainda assim, acredita-se que, quanto mais este assunto for estudado, mais contribuições para o conhecimento sobre estresse ocupacional de profissionais de enfermagem surgirá.

Outro objetivo deste estudo é associar o perfil sociodemográfico da população em estudo à manifestação de estresse pela equipe de Enfermagem.

Para Selegim e outros autores (2012) a enfermagem, além do desenvolvimento de atividades com pacientes críticos e em risco eminente de morte, as

características pessoais das trabalhadoras apresentaram vários fatores considerados de risco para o desenvolvimento de estresse, como o sexo feminino, ciclo vital adulto, estado civil casado, ter filhos, duplo vínculo e trabalho no período noturno. Todas essas características são encontradas na amostra da pesquisa, onde 93% da população são do sexo feminino, 38% têm entre 34 e 41 anos de idade, 62% são casadas, 55% têm um segundo trabalho e 90% trabalham todos os turnos (manhã, tarde e noite).

Já no estudo de Costa e Martins (2011), é identificado que profissionais mais jovens sentiam maior nível de estresse no trabalho. Os autores não apresentam explicação para os resultados obtidos. No entanto, pela própria literatura pesquisada, faz-se uma sugestão de explicação, que deve ser investigada em futuros estudos. Uma situação, para ser percebida como estressora, depende da avaliação cognitiva e da capacidade de enfrentamento do indivíduo. Assim, acredita-se que possa haver alguma relação entre maturidade e melhores esforços e estratégias de enfrentamento e, portanto, menos níveis de estresse. Esta é uma hipótese explicativa porque este estudo não investigou estratégias de enfrentamento, mas uma possibilidade que deve ser investigada em futuras pesquisas.

Contudo, o estresse em mulheres ocorre com maior frequência pela sobrecarga de tarefas características do mundo feminino, pela dupla ou tripla jornada de trabalho. Fator “sexo feminino” alia-se à idade adulta, com responsabilidades e exigências geradas por esta fase da vida, como a necessidade de autorrealização pessoal e profissional e o provimento de recursos financeiros para o sustento da família, bem como ao estado civil e à presença e responsabilidade com filhos como indicadores de sobrecarga, pelo acúmulo das funções intrafamiliares (SELEGHIM ET AL., 2012).

O tipo de instituição em que atuam os profissionais de enfermagem, categoria profissional, jornada semanal de trabalho e a presença de duplo vínculo empregatício são fatores importantes na vida dos trabalhadores, podendo estar integrados à percepção do estresse ocupacional e por isso foram incluídos neste estudo.

5 CONCLUSÃO

A partir dos achados, o presente estudo refuta a hipótese defendida, a priori, de ocorrência do estresse nos enfermeiros pesquisados. Em síntese, o estresse mostrou ser relativo a situações em que o profissional possa estar inserido, e ao seu perfil.

A população do estudo apontou ser predominantemente feminina (93%), casada (62%), idade entre 34 e 41 anos, 55% afirmam ter um segundo trabalho e (90%) trabalhar nos turnos (manhã, tarde e noite). Com relação aos sintomas 62% dos profissionais apresentam sinais e sintomas de estresse, estando 72% na fase intermediária, 17% na fase de contato, e 11% na fase crítica e perigosa.

A presença de estresse e a dificuldade de enfrentá-lo podem ocasionar alterações físicas e mentais. O indivíduo com estresse ocupacional pode levar seus problemas para o ambiente de trabalho, para a vida familiar e vice-versa, inibindo seu convívio em família, podendo gerar, também, um déficit nas áreas afetiva e social. Sendo assim, o estresse no trabalho pode afetar várias áreas da vida do indivíduo, dificultando a manutenção de sua qualidade de vida, indicando que requer atenção quanto ao desenvolvimento de ações que minimize os riscos a saúde desses profissionais.

REFERÊNCIAS

- CAMELO, S. H. H.; ANGERAM, E. L. S. Sintomas de estresse nos trabalhadores atuantes em cinco núcleos de saúde da família. **Rev Latino-am Enfermagem**, v.12, n.1, 2004. p.14-21.
- CASTRO, M. E. S. **Condições de trabalho e fatores de risco à saúde dos trabalhadores de Central de material e esterilização do hospital das clínicas de UFP**. 2004.
- COELHO, J. A. B.; ARAUJO, S. T. C. Desgaste da equipe de enfermagem no centro de tratamento de queimados. **Acta Paul Enferm**, v.23, n.1, 2010. p.60-64.
- COSTA, D. T.; MARTINS, M. C. F. Estresse em profissionais de enfermagem: impacto do conflito no grupo e do poder do médico. **Rev Esc Enferm USP**, v.45, n.5, 2011. p.1191-1198.
- COSTA, J. R. A.; LIMA, J. V.; ALMEIDA, P. C. Stress no trabalho do enfermeiro. **Rev Esc Enferm USP**, v.37, n.3, 2003. p.63-71.
- LAUTERT, L.; CHAVES, E. H. B.; MOURA, G. M. S. S. O estresse na atividade gerencial do enfermeiro. **Rev Panam Salud Publica/Pan Am J Public Health**, v.6, n.6, 1999.
- LIPP, M. E. N. Estresse emocional: a contribuição de estressores internos e externos. **Rev. Psiq. Clín.**, 2001.
- LIPP, M. E. N. **Manual do inventário de sintomas de stress para adultos de Lipp**. 3.ed. Recife: Casa do Psicólogo, 2005.
- LIPP, M. E. N.; ROCHA, J. C. **Stress, hipertensão arterial e qualidade de vida**. São Paulo: Papi-rus, 1994.
- MUROFURE, N. T.; ABRANCHES, S. S.; NAPOLEÃO, A. A. Reflexões sobre estresse e Burnout e a relação com a enfermagem. **Rev. Latino-Am. Enfermagem**, v.13, n.2, 2005. p.255-261.
- SALOMÉ, G. M.; MARTINS, M. F. M. S.; ESPÓSITO, V. H. C. Sentimentos vivenciados pelos profissionais de enfermagem que atuam em unidade de emergência. **Rev Bras Enferm**, Brasília, v.62, n.6, p.856-62, 2009.
- SALVADOR, R. S. P.; SILVA, B. A. S. A.; LISBOA, M. T. L. Estresse da equipe de enfermagem do corpo de bombeiros no atendimento pré-hospitalar móvel. **Esc Anna Nery**, v.17, n.2, 2013. p.361-368.
- SCHMIDT, D. R. C.; DANTAS, R. A. S.; MARZIALE, M. H. P.; LAUS, A. M. Estresse ocupacional entre profes-

sionais de enfermagem do bloco cirúrgico. **Texto Contexto Enferm**, Florianópolis, v.18, n.2, 2009. p.330-733.

SELEGHIM, M. R et al. Sintomas de estresse em trabalhadoras de enfermagem de uma unidade de pronto socorro. **Rev Gaúcha Enferm**, v.33, n.3, 2012. p.165-173.

STACCIARINI J.M.R.; TRÓCCOLI, B.T. O estresse na atividade ocupacional do enfermeiro. **Rev Latino-am Enfermagem**, v.9, n.2, 2001. p.17-25.

Recebido em: 24 de Março de 2015
Avaliado em: 28 de Julho de 2015
Aceito em: 6 de Agosto de 2015

1. Graduada em Enfermagem pela Universidade Estadual de Ciências da Saúde de Alagoas. Email: paulabarros@hotmail.com
2. Graduada em Enfermagem pela Universidade Estadual de Ciências da Saúde de Alagoas. Email: carlinha_gomes7@hotmail.com
3. Docente em Enfermagem da Universidade Estadual de Ciências da Saúde de Alagoas e Mestre em Ciências pela Universidade Federal de São Paulo - UNIFESP. Email: evaeaea@gmail.com